

HOMOLOGIA E HEGEMONIA – AS RELAÇÕES DE PODER NAS TEORIAS DE BOURDIEU E LACLAU

*Everton Garcia da Costa**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a teoria social de Pierre Bourdieu, a teoria político-filosófica de Ernesto Laclau e identificar a forma como esses dois autores contemporâneos explicam as relações de poder dentro do contexto social. Pertencentes a uma corrente pós-fundacionalista e pós-estruturalista, Laclau e Bourdieu têm modelos explicativos do real que vão de encontro ao reducionismo marxista clássico, segundo o qual as relações de poder e os conflitos sociais são determinados exclusivamente por fatores econômicos. Calcado num aparato de ferramentas conceituais utilizadas como categorias de análise – tais como habitus, violência simbólica, homologia, hegemonia, capital simbólico, dominantes, dominados dentre outros – Bourdieu funda o que ficou conhecido como a Teoria dos Campos, na qual ele mostra que a sociedade é dividida em esferas, em certo grau autônomas, sendo que cada uma dessas esferas possui um lógica interna e um capital próprio. Já Laclau, que se autodenomina pós-marxista, propõe uma democracia radical partindo do princípio da impossibilidade da sociedade. Segundo o autor, ao contrário do que pensavam os marxistas e os iluministas, não existe dentro do humano ou do social um fundamento único, ou seja, uma essência. Dessa forma, não existe no social uma fixação de sentido e muito menos uma ideologia totalizante, o que torna as identidades totalmente precárias e contingentes. Laclau afirma que a lógica do social é discursiva, ou seja: o social é um espaço de caos e agonismo constante, onde cada elemento discursivo luta desesperadamente para aglutinar sentido e então se fazer hegemônico pelo maior período de tempo possível, pois, em algum momento, outro discurso necessariamente irá lhe substituir.

Palavras-chave: pós-marxismo, relações de poder, contingencialidade, precariedade.

1 - Introdução

Sem dúvida alguma, um dos temas que mais tem sido abordado na filosofia e principalmente nas ciências sociais diz respeito às relações de poder

* Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas.

existentes dentro do contexto social. Também é inegável que dentre os autores que se debruçaram sobre esse tema o filósofo alemão Karl Marx se destaca não só por ter dedicado exaustivos esforços intelectuais ao escrever diversas obras, mas, sobretudo pelo fato de seus modelos explicativos acerca da realidade social terem influenciado intelectuais do mundo inteiro, criando o que ficou conhecida como a escola marxista. Todavia, nas últimas décadas essa escola vem sofrendo uma crise, de forma que o marxismo hoje é visto com descrença por grande parte da comunidade intelectual. Assim, começaremos expondo brevemente as ideias centrais de Marx, para depois então adentrarmos às teorias de Bourdieu e Laclau, foco central desse ensaio, que para nós repensam e superam as ideias de marxianas.

O projeto teórico de Marx é todo construído a partir de uma inversão da dialética hegeliana. Hegel, que também era um filósofo alemão, afirmava que “tudo que é real é racional, e tudo que é racional é real”, isto quer dizer, que o mundo tal como conhecemos é produto da razão. É a racionalidade humana que forma e dá sentido ao mundo a partir da oposição *plano das ideias* e *plano concreto*. Marx ia de encontro a essa perspectiva, fazendo uma forte crítica não só a Hegel, como também a filosofia alemã da época, que em grande parte pregava o predomínio da razão. Segundo Marx, o mundo concreto é que formava o campo das ideias; são as relações concretas entre os homens que formulam a racionalidade dos indivíduos, sendo que tais relações são oriundas dos processos de produção e reprodução do trabalho.

Para Marx o que diferencia o homem dos demais animais é a forma como cada um deles utiliza o trabalho, ou seja, como cada um transforma a natureza ao seu redor. O animal retira da natureza apenas aquilo que será utilizado em seu benefício próprio, ele produz para si. “Claro que o animal também produz. Constrói um ninho, moradas para si, tal como a abelha, castor, formiga, etc. Só que produz apenas o que precisa imediatamente para si

e para seu filhote.”¹ O animal só produz para suprir suas necessidades instintivas, como alimentação, moradia e reprodução. Em contrapartida, o homem produz, ou seja, trabalha, para não só suprir tais necessidades, mas também para dar conta das necessidades subjetivas, isto é, aquelas atividades voltadas ao prazer, tanto físico quanto mental. E isso virou um problema com o advento da propriedade privada e do capitalismo. No instante em que um número limitado de indivíduos se apropriou de grandes extensões de terra, muitos outros ficaram desapropriados sem conseguir sequer atender as suas necessidades instintivas. Assim, a única saída que encontraram para sobreviver foi alugando a sua força de trabalho, é nesse momento então que começa o que Marx chamava de trabalho alienado. Quando o trabalhador trabalhava somente para si, tal atividade lhe era prazerosa, pois ele usufruía de tudo aquilo o que produzia. No capitalismo isso mudou, o trabalhador passou a produzir para os outros; a produção deixou de ser unilateral para se tornar universal.

No processo de produção capitalista o trabalho deixou de ser algo agradável e se tornou um pesadelo. Os trabalhadores ficavam mais da metade do seu dia dentro das fábricas trabalhando exaustivamente, produzindo mercadorias as quais não teriam acesso e, no final, recebiam uma quantia risória de dinheiro como pagamento que mal dava para sobreviver. O trabalhador não conseguia mais suprir as necessidades subjetivas, primeiro porque era mal remunerado, segundo, pois não lhe restava tempo para isso. Assim, os operários iam se animalizando, vivendo literalmente como animais, trabalhando apenas para poder comer, beber, morar e se reproduzir. Essa era a denúncia de Marx, a de que o capitalismo alienava o homem. Mas segundo ele, era possível encontrar um lado positivo nisso: com o crescimento do capitalismo as contradições sociais ficariam cada vez mais descobertas, e se chegaria ao ponto em que a classe operária, ou seja, o proletariado se uniria,

¹ MARX, Karl. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana. In: Marx & Engels. FERNANDES, Florestan (org.). São Paulo: Ática, 1989, p. 156-157.

deixando de ser uma classe em si – ou seja, uma classe que não se percebe como tal e que também não percebe a dominação pela qual está sendo acometida – , para ser uma classe para si – uma classe que luta pelos seus direitos. Marx profetiza que a revolução social só poderia ser feita por quem estava na condição de dominado, ou seja, nesse caso, o proletariado.

2 - A teoria dos campos – as poderosas ferramentas conceituais de Pierre Bourdieu

Apesar da corrente marxista ainda hoje ter representantes e defensores fervorosos, Marx se equivocou. Primeiramente, por ter considerado que o proletariado seria a classe responsável pela revolução social, pois, na verdade, já ficou mais do que comprovado que isso não aconteceu. Mas na verdade não se pode culpá-lo, pois, no contexto em que estava inserido – com o surgimento e organização cada vez maior dos sindicatos, greves explodindo em várias fábricas, e trabalhadores em conflito direto com a polícia – tudo indicava que uma provável revolução proletária realmente pudesse acontecer. Todavia, o capitalismo também percebeu essa possibilidade e foi obrigado a se transformar. Com maiores repasses salariais, melhores condições de vida e leis trabalhistas que os protegiam, os trabalhadores passaram a ver o capitalismo como algo positivo.

O outro equívoco marxiano (e principalmente marxista) foi acreditar cegamente que as relações de poder dentro da sociedade eram determinadas apenas por questões econômicas e que os dominantes eram somente os indivíduos detentores dos modos de produção. Essa lógica, até certo ponto, poderia ser aplicada à Inglaterra do século XIX, contexto no qual Marx estava inserido, e onde havia duas classes sociais bem definidas e opostas, a burguesia e o proletariado. Entretanto, na medida em que a sociedade foi se tornando

mais complexa, ficou impossível dividir o todo social em dois grupos distintos. Um dos autores a perceber isso é o francês Pierre Bourdieu.

Partindo não só de Marx, mas também dos outros clássicos, como Weber e Durkheim, Bourdieu cria todo um modelo explicativo acerca da forma como é constituída a realidade social, de forma que essa teoria se plasmará a partir de uma série de ferramentas conceituais. Bourdieu propõe uma teoria pós-estruturalista², a qual articula ação e estrutura. Tal articulação entre essas duas linhas ortogonais se torna possível, na teoria bourdiana, através da noção de *habitus*. Segundo Bourdieu, *habitus* é:

(...) “o princípio da ação histórica, da ação do artista, do erudito ou do governante, assim como a do operário ou do pequeno funcionário público, não o de um sujeito que se oporia a sociedade, como o faria um objeto construído na exterioridade. Ele não reside nem na consciência, nem nas coisas mas sim na relação entre dois estados do social, ou seja, a história objetivada nas coisas, sob forma de instituições, e a história encarnada nos corpos, sob forma deste sistema de disposições duráveis que chamo de *habitus*”.³

Dessa forma, *habitus* é o princípio da ação histórica encarnada nos corpos e nos objetos sob a forma de instituições, bem como essa mesma ação histórica encarnada nas próprias instituições. *Habitus* é a história agindo nos corpos; é a interiorização da exteriorização, isto é, a introjeção das estruturas sociais em nossas cabeças e em nossos corpos. Esse conceito permite a Bourdieu fugir tanto da perspectiva estruturalista clássica – segundo a qual os indivíduos eram apenas seres a sujeitados às influências coercitivas das estruturas institucionais – como também fugir da perspectiva existencialista – em que o indivíduo autônomo e autoconsciente era quem dava sentido ao

² Consideramos pós-estruturalistas, dentro da esfera das ciências sociais, aquelas teorias que foram criadas após o estruturalismo e que articulam ação e estrutura.

³ Citado em: CORCUFF, Philippe. As novas sociologias: Construções da realidade social. Bauru: EDUSC, 2001, p. 50.

mundo. O objetivo de Bourdieu era combater a divisão entre objeto e sujeito, intenção e causa, materialidade e representação simbólica, buscando superar a redução da sociologia seja a uma física objetivista das estruturas materiais ou a uma fenomenologia construtivista das formas cognitivas, propondo um estruturalismo genético capaz de incluir ambas.⁴ Bourdieu se apropria dessas duas perspectivas, a subjetiva (calcada no ser) e a objetiva (calcada nas instituições) e as une. Para ele o indivíduo introjeta ao longo de sua vida uma série de práticas sociais rotinizadas ao longo da história. Todavia, é preciso levar em conta que, mesmo que essas práticas introjetadas o influenciem a adotar certas atitudes ou um determinado estilo de vida, por exemplo, nada impede que o agente escolha seguir por um caminho totalmente diferente. Para Bourdieu, os indivíduos são sim orientados desde o momento em que nascem, entretanto, possuem autonomia para decidir que decisões tomar.

Se o habitus representa a face da introjeção, a exteriorização do que foi introduzido será feita nos *campos*. Os campos, segundo Bourdieu, são esferas sociais providas de certo grau de autonomia em relação ao espaço social como um todo, e que possuem suas próprias regras de normatividade. “Esse universo [o campo] é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”.⁵ Alguns exemplos de campos são o literário, o artístico, o jurídico, o político, a alta costura, a religião, o esportivo dentre outros. Em termos analíticos, todo campo possui seu próprio espaço gravitacional, e nele atuam constantemente uma série de forças objetivas. Se o campo não consegue fugir das imposições do todo social, ele, todavia, dispõe de certa autonomia que, dependendo de cada esfera, pode ser maior ou menor.

⁴ BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Una invitación a la sociología reflexiva. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008, p.28.

⁵ BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 1997, p. 20.

O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução. Inversamente, a heteronomia de um campo manifesta-se, essencialmente, pelo fato de que os problemas exteriores, em especial os problemas políticos, aí se exprimem diretamente.⁶

Isto quer dizer, quanto mais um campo conseguir refratar as influências do macrocosmo, mais autônomo ele será; quanto mais tiver de ceder às pressões externas, maior será o grau de heteronomia, ou seja, sua autonomia será reduzida. Quanto maior for o grau de heteronomia dentro do campo, mais imperfeita será a concorrência, ou seja, os agentes lançam mão de regras exteriores ao campo e tentam burlar as normas internas com o intuito de alcançar mais capital⁷, como por exemplo, um time de futebol que não ganha título algum há anos, e tenta o fazer subornando o árbitro num jogo de decisão.

Outro aspecto de vital importância para se compreender a teoria dos campos é que em cada campo atuam constantemente uma série de forças distintas e objetivas. Dentro dos campos os agentes lutam entre si com o intuito de adquirir capital para manter ou cambiar suas fronteiras, o que dá a essas esferas uma peculiaridade de campo de batalha. Porém, ao contrário da teoria marxista, em que os conflitos sociais eram oriundos das relações econômicas, em Bourdieu os agentes entram em conflito não só por questões de caráter econômico. Isso acontece porque cada campo possui seu capital específico, ou seja, o capital do campo artístico não é o mesmo do campo da alta costura. Uma grande quantidade de capital x, por exemplo, adquirido no campo A, pode não surtir efeito no campo B: uma pessoa pode ser dona de muito dinheiro, todavia, esse dinheiro em nada servirá se o campo onde ela estiver inserida for o acadêmico, cujo capital é o conhecimento científico.

⁶ Ibid. p. 22.

⁷ Ibid. p. 32.

Contudo, nada impede que o capital de um campo seja cambiado para poder ser utilizado em outro.

Bourdieu também afirma que dentro dos campos existe violência, dominantes e dominados, todavia, sua visão escapa daquela perspectiva marxista maniqueísta clássica que acabou se dogmatizando. Para Bourdieu, qualquer tipo de autoridade que tenha alcançado tal status sem o uso da força armada e da violência física foi devidamente legitimada pelo grupo que se encontra na posição de dominação. E na maioria das vezes os dominados não percebem que a relação dominantes/dominados dentro da sociedade é arbitrária. Citamos como exemplo o ambiente de trabalho. Dentro das grandes empresas a relação entre os funcionários é verticalizada hierarquicamente, ainda que em alguns casos essa verticalização seja menos acentuada. Os trabalhadores do chão de fábrica desempenham suas funções segundo ordens diretas oriundas da gerência, ou seja, nesse caso o gerente é a autoridade e os trabalhadores os dominados. E o mais importante é que o gerente não precisa utilizar a violência física para comandar os trabalhadores, e estes, na maioria das vezes, sequer questionam o porquê de estarem numa posição de subordinação. É por tal motivo que Bourdieu fala em arbitrariedade, no sentido de que, com exceção da legitimidade concedida pelos debelados, não existe algo que justifique, por exemplo, o fato de o grupo A estar na condição de dominância e não o grupo B. As relações de poder dentro dos campos são contingenciais; um determinado grupo ou indivíduo que hoje se encontra na posição de subordinação pode muito bem acumular capital e amanhã ou depois alcançar o estatuto de autoridade. Tudo é uma questão de conhecer as regras campo e saber jogar o jogo.

Outro conceito de vital relevância na teoria bourdiana é o de *homologia estrutural*. Segundo Bourdieu essa homologia estrutural é universal: ou seja, ainda que existam inúmeros campos dentro do todo social, cada um desses

campos possui os iniciados, os profanos, o capital, a dominação, a subordinação, a violência simbólica, a legitimação etc.

CAMPO DA ALTA COSTURA	CAMPO CIENTÍFICO	CAMPO LITERÁRIO
Habitus	Habitus	Habitus
Violência simbólica	Violência simbólica	Violência simbólica
Capital	Capital	Capital
Autonomia	Autonomia	Autonomia

Quando se trabalha com a teoria de Bourdieu não se pode nunca esquecer que esses conceitos existem apenas no plano abstrato; para tentar aplicá-los a realidade social o pesquisador deverá transformá-los em categorias de análise.

3 - A formação do discurso hegemônico – a democracia radicalizada proposta por Laclau

Apesar de durante boa parte de sua vida ter sido um marxista declarado, hoje Laclau não mais o é, chegando ao ponto de escrever um texto intitulado “Pós-marxismo sem pedido de desculpas”. Isso se deve ao fato de o autor ter proposto uma teoria político-filosófica que, além de ir de encontro às teorias marxistas clássicas, a nosso ver ela também as derruba, sem sombra de dúvidas.

Laclau, que hoje se diz pós-moderno e pós-estruturalista, faz uma crítica ao que ficou conhecido como “modernidade” ou então “Iluminismo”. Segundo ele, o Iluminismo prometia o acesso à ordem natural dos fenômenos, o advento da razão e o avanço inflexível da ciência; a modernidade renunciava um futuro que tendia para o progresso e que avançaria até o

momento em que a humanidade estivesse totalmente emancipada através da razão; para os modernos o futuro não possuía limites e poderia ser previsto através da ciência. Todavia, o que se vê hoje é uma crescente e generalizada crise acerca a consciência dos limites.

Límites de la razón, en primer término, que han sido señalados desde perspectivas muy diferentes – desde la epistemología y la filosofía de la ciencia hasta tradiciones intelectuales tan diversas como la filosofía posanalítica, el pragmatismo, la fenomenología y el pós-estruturalismo. Límites em segundo término – ou más bien lenta erosión – de los valores e ideales de transformación radical que habían dado sentido a la experiencia política de sucesiva generaciones.⁸

Depois séculos de domínio iluminista e positivista em que era anunciado “um novo tempo” onde a razão e a ciência dominariam o mundo, chegou-se a um ponto em que a modernidade passou a ser questionada e vista com desconfiança. A própria noção de infinitude do conhecimento entrou em crise; hoje alguns filósofos já cogitam se chegará (ou se já chegou) o momento em que o conhecimento humano se esgotará. Dessa forma, a razão enquanto única forma de libertação humana, tal como os modernos alegavam, vem sofrendo fortes críticas, sendo que uma crise da razão é necessariamente uma crise da modernidade. Com efeito, alguns intelectuais têm se munido de armas para defender a razão e o projeto iluminista. A perspectiva laclauiana é totalmente contrária a esta. Segundo ele, criticar a razão não significa abandonar todo o projeto emancipatório; a crise da razão na verdade abre espaço para uma crítica fundamental às formas de dominação.

Partindo dessa crítica, Laclau propõe então uma democracia radicalizada calcada em alguns pressupostos básicos. O primeiro consiste numa crítica ao marxismo e numa refutação ao essencialismo. Segundo ele “o

⁸ LACLAU, Ernesto. Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo. Buenos aires: Nueva Visión Buenos Aires, 2000, p.10.

marxismo ficou adstrito a uma concepção essencialista da sociedade, calcada, sobretudo, na lógica reducionista das relações sociais restritas ao antagonismo capital *versus* trabalho.”⁹ Ao contrário do que pensavam os marxistas, o capitalismo apontou que as diferenças sociais não são apenas econômicas. A sociedade (e se é que se pode utilizar este termo totalizante ao referir-se a obra de Laclau) é um “complexo espectro social formado por uma infinidade de identidades, constituídas a partir de relações discursivas antagônicas distintas do antagonismo de classe”.¹⁰ Chegamos então a um ponto central na filosofia política de Laclau: a impossibilidade da sociedade.

Para Laclau, o que levou ao esgotamento tanto do projeto moderno, como também do projeto marxista é o fato de eles estarem baseados numa dimensão fundacionalista. Isto quer dizer, os marxistas e os iluministas acreditavam que existia uma essência, ou seja, um miolo imprescindível e que se mantinha inalterável ao longo dos séculos de existência do homem. Todavia, para que de fato exista uma essência humana ou social é necessário que exista também uma fixação de sentido, a qual também não tenha sofrido alteração ao longo dos séculos, porém isso não existe. Laclau mostra que o social não consegue fixar um sentido totalizante, sendo que “o social deve ser identificado com o jogo infinito das diferenças, é dizer, com o que, no sentido mais estrito do termo podemos chamar discurso.”¹¹ O social só adquire significado através da lógica do discurso; são as práticas discursivas dos indivíduos que formam sentido na sociedade. E em Laclau discurso vai além de uma união entre o linguístico e o extralinguístico; discurso é uma junção entre palavras e ações, discurso é prática. E o social formado a partir dessas

⁹ MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo. Em torno de Ernesto Laclau. In: Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: Em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 26.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Traduzido livremente de “lo social debe ser identificado con el luego infinito de las diferencias, es decir, con lo que en el sentido más estricto do término podemos llamar *discurso*” disponível em LACLAU, Ernesto. Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo. Buenos Aires: Nuevas Visión, 2000, p.104.

práticas discursivas é totalmente arbitrário, complexo, hermenêutico e precário: ele não resiste durante muito tempo: sofre modificações, e sobredeterminações. Isso acontece por causa dos jogos das diferenças. Os sujeitos não são movidos apenas por inclinações econômicas tal qual pensavam os marxistas. Cada indivíduo é movido por várias orientações: econômica, religiosa, de gênero, sexual, política, ética, étnica dentre uma infinidade de outras. As aspirações de uma negra de classe média baixa, evangélica, casada, mãe de dois filhos, por exemplo, não serão as mesmas de um homem branco, de classe média alta, solteiro, homossexual e ateu, ainda que eles residam muito próximos, no mesmo bairro. As próprias noções de “classe média”, “classe baixa”, “homem branco”, “homem negro” e “casamento” não são as mesmas que há cinquenta anos, e provavelmente não serão as mesmas daqui a cinquenta anos, pois elas sofreram e sofrerão mudanças.

Esse jogo das diferenças ao qual se refere Laclau é o que impede a criação de ideologias totalizantes; é impossível conceber hoje, por exemplo, a existência de uma *raça negra*. A expressão raça negra pressupõe que todos os negros possuem mais do que simplesmente características físicas, pressupõe que eles possuem um objetivo ou objetivos em comum. E isso não é verdade, primeiramente, porque já é tarefa complexa definir o que é ser um negro, pois, afinal de contas, o negro é aquele indivíduo que se define como tal, ou aquele que é considerado como negro por um determinado grupo de pessoas? Segundo, pois cada negro possui suas próprias aspirações distintas e únicas. Logo, se é inviável a existência de narrativas totalizantes, a noção de sociedade como um todo único deve ser abandonada. Mais que isso: uma ideia mais tradicional de democracia também deve ser refutada, pois, se cada sujeito possui identidades e objetivos diferentes uns dos outros é impossível estabelecer um governo democrático, tradicionalmente falando.

Nesse ponto a proposta de Laclau de uma democracia radical se mostra muito pertinente. Segundo ele, e como já afirmamos mais acima, o social funciona segundo a lógica discursiva. A partir do jogo caótico das diferenças emergem discursos os quais almejam limitar esse caos e hegemonizar-se, ou seja, tornar-se dominantes frente aos demais.

Lo social no es tan sólo el infinito juego de las diferencias. Es también el intento de limitar este juego, de domesticar la infinitud, de abarcala dentro de la finitude de un orden. Pero este orden – o estructura – ya no presenta la forma de una esencia subyacente de lo social; es, por el contrario, el intento de actuar sobre lo “social”, de *hegemonizarlo* [grifo do autor].¹²

Dessa forma, se todo social é construído de forma contingente e precária a partir dos discursos que tentam se hegemonizar, “em termos de estratégia política, não existe, portanto, para Laclau, a real possibilidade de se chegar ao ‘fim da história’, ou seja, a vitória de um projeto político definitivo.”¹³ Assim como não existe um projeto político definitivo, também não existe uma verdade absoluta. Toda verdade é discursiva, isto é, a verdade é dada pelo discurso que num determinado momento conseguiu se estabelecer como dominante frente aos demais. Essa lógica explica como se dão as relações de poder dentro do contexto social. Ao contrário da perspectiva marxista clássica, a qual dava ao proletariado características de vítima, de classe oprimida e à burguesia características de classe opressora (como se o proletário fosse o “mocinho” e a burguesia o “mal feitor” da história), Laclau defende a ideia de que os dominantes só alcançaram tal posição de hegemonia porque existiram condições discursivas de possibilidades que possibilitaram que tal discurso se hegemonizasse. O mais importante é que essas condições são totalmente contingentes, ou seja, não existe por detrás delas qualquer razão

¹² Ibid. p. 104-105.

¹³ MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo. Em torno de Ernesto Laclau. In: Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: Em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 26.

essencialista. A literatura e o cinema mostram isso constantemente. Em *The Godfather*, a personagem Vito Corleone é um italiano que cedo fica órfão e viaja para os Estados Unidos, sem ao menos saber inglês. Pobre, começa a trabalhar como ajudante em um pequeno estabelecimento comercial, muitas vezes sem ter nem o que comer. Tudo poderia indicar que o futuro de Vito seria na miséria. Entretanto, surgem condições de possibilidade arbitrárias que, mesmo sendo ilegais, o levam a se tornar Don Vito Corleone, um grande chefe da máfia, temido e respeitado inclusive pelas autoridades legais.

O cientista social não pode fazer juízo de valor, como faziam os marxistas; o pesquisador deve é tentar identificar a forma como determinados discursos conseguiram atingir o status de hegemonia. E não se pode julgá-los, porque tais discursos emergiram contingentemente, e a qualquer momento pode ocorrer uma mudança de sentido no social e outro discurso pode lhe roubar esse lugar. Segundo a teoria de Laclau qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos pode alcançar uma posição de hegemonia, desde que existam, para tanto, condições de possibilidade.

Conclusão

Apesar de alguns equívocos, a teoria marxista e, principalmente a marxista, são de grande relevância quando se estuda as relações de poder dentro do contexto social. Todavia, são as teorias social e político-filosófica de Bourdieu e Laclau, respectivamente, que fazem essa discussão avançar a campos ainda inexplorados. Os dois autores mostram firmemente que as relações e os conflitos sociais não se dão apenas por questões econômicas. As motivações que movem os indivíduos vão além desse reducionismo, o qual alguns poucos intelectuais equivocados teimam em defender. As relações sociais são complexas, uma vez que os sujeitos são complexos, pois não

possuem uma única identidade fundacional; são formados por diversas identidades que ao longo da história vão perdendo, ganhando e trocando de significado. E, se a identidade dos agentes sociais não se fixa, por consequência, a sociedade como um todo acaba não se fixando também. Com efeito, tentar compreender um real que não se faz inteligível, através de um viés reducionista e de leis universais acarretará numa interpretação no mínimo muito limitada da realidade.

Assim, como o clima intelectual das últimas décadas – pós maio de 68 – vem percebendo que não há mais lugar para essa perspectiva reducionista, teorias requintadas, como são as de Bourdieu e Laclau, as quais não possuem uma visão fundacionalista limitada, e que abarcam conhecimentos teóricos transdisciplinares, começam a ser utilizadas não apenas dentro da filosofia e das Ciências Sociais.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008.

_____. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 1997.

CORCUFF, P. *As novas sociologias: Construções da realidade social*. Bauru: EDUSC, 2001.

MENDONÇA, D.; RODRIGUES, L. “Em torno de Ernesto Laclau”. In: *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: Em torno de Ernesto Laclau*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LACLAU, E. *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos aires: Nueva Visión Buenos Aires, 2000.

MARX, K. “Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana”. In: *Marx & Engels*. FERNANDES, Florestan (org.). São Paulo: Ática, 1989, p. 156-157.